

se iniciou e se consolidou no país no período. Esses fatores alteraram o perfil dos pacientes com Covid-19 no ambiente hospitalar.

Objetivo: Comparar as mudanças no perfil dos pacientes internados por Covid-19 em relação à faixa etária, letalidade e comorbidades nesses três anos de pandemia (2020, 2021 e 2022).

Método: Estudo descritivo dos casos notificados pelo Núcleo de Vigilância Epidemiológica de um hospital universitário e referenciado. Incluídos pacientes internados com Covid-19 e comparados quanto à faixa etária, letalidade e comorbidades nos três anos de pandemia.

Resultados: Foram internados 2.565 pacientes com Covid-19 de março de 2020 a abril de 2022. A faixa etária das crianças (0-9) e jovens (20-29) aumentou proporcionalmente de 2% para 9% e de 4% para 10%, respectivamente, de 2020 a 2022. Já a faixa de 50-59 anos teve uma redução proporcional importante de 25% para 16% no período. A letalidade de 2020 e 2021 foi de 21% e 20%, sendo que em 2022 reduziu para 16%. A letalidade foi maior na faixa etária acima de 60 anos e no sexo masculino, nos três anos avaliados. As comorbidades mais comuns foram doenças cardiovasculares (43,7%) e diabetes mellitus (22,3%), sendo que a prevalência entre os infectados diminuiu no período. Por outro lado, a proporção de pacientes imunodeprimidos e com neoplasias aumentou de 6% para 12% e de 8,8% para 12% respectivamente.

Conclusão: Observamos importantes mudanças clínicas e epidemiológicas no perfil dos pacientes internados com Covid-19 no decorrer do período pandêmico. A redução da letalidade e a mudança na faixa etária dos pacientes internados reflete, provavelmente, o impacto da vacinação. Além disso, tivemos uma mudança na prevalência das comorbidades, com aumento na incidência de neoplasias e demais doenças imunopressoras.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2022.102449>

EP-009

CARACTERIZAÇÃO DA INFECTIVIDADE DA VARIANTE ÔMICRON E PREDITORES DE POSITIVIDADE DE CULTURA VIRAL EM PROFISSIONAIS DE SAÚDE COM COVID-19 LEVE

Alessandra Luna-Muschi ^{a,b},
Saidy Vásconez Noguera ^{a,b},
Anderson V. de Paula ^{a,b},
Marina Farrel Côrtes ^{a,b}, Igor Borges ^{a,b},
Lucy Villas-Boas ^{a,b},
Maria Cássia Mendes-Correa ^{a,b},
Ester C. Sabino ^{a,b}, Anna Sara Levin ^{a,b},
Sílvia Figueiredo Costa ^{a,b}

^a Hospital das Clínicas, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo (HCFMUSP), São Paulo, SP, Brasil

^b Instituto de Medicina Tropical, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo (FMUSP), São Paulo, SP, Brasil

Introdução: A variante Ômicron do vírus SARS-CoV-2 (B.1.1.529) foi designada uma variante preocupante (VOC) devido à alta transmissibilidade e capacidade de escapar da imunidade natural e induzida por vacina.

Objetivo: Caracterizar a duração da infectividade da variante Ômicron em indivíduos vacinados com sintomas leves de COVID-19.

Método: Estudo transversal com 30 indivíduos vacinados com COVID-19 para avaliar a duração da infectividade da Ômicron comparando o isolamento viral com o teste rápido de antígeno (RAT) e os valores de Ct da reação em cadeia da polimerase em tempo real (RT-PCR) de amostras respiratórias nos dias 5, 7, 10 e 14 a partir do início dos sintomas.

Resultados: O crescimento viral foi observado em 46% (11/24) das amostras dos indivíduos vacinados no dia 5 dos sintomas e 20% (6/30) no dia 7, nenhuma amostra teve isolamento viral no dia 10. A carga de RNA viral permaneceu detectável em 97% (29/30) e 57% (17/30) dos participantes nos dias 10 e 14, respectivamente. Entre as amostras com isolamento viral, todas (n = 17) foram RAT e RT-PCR positivas. Por outro lado, amostras sem isolamento viral (n = 97) foram RAT e RT-PCR positivas em 36 (37%) e 83 (86%), respectivamente. RAT e RT-PCR evidenciaram sensibilidade global e valores preditivos negativos de 100%, porém, RAT apresentou 63% de especificidade global e 32% de valor preditivo positivo (VPP), enquanto RT-PCR evidenciou menor especificidade (14%) e VPP (17%) para prever a infectividade.

Conclusão: Indivíduos vacinados imunocompetentes com infecção por Ômicron ainda podem transmitir o vírus no 7º dia de sintomas, portanto, é altamente improvável que estejam transmitindo o vírus infeccioso no dia 10. Testes rápidos de antígeno podem ser usados para estimar a duração da infectividade dos casos de Ômicron.

Ag. Financiadora: Instituto todos pela saúde do Banco Itaú.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2022.102450>

EP-010

FLUXO DE ATENDIMENTO E PREVALÊNCIA DE PACIENTES COM COVID-19 NA COMUNIDADE INTERNA DA UNICAMP ATENDIDOS NO CENTRO DE SAÚDE DA COMUNIDADE (CECOM)

Maria Helena Postal Pavan,
Edite Kazue Taninaga,
Inajara de Cássia Guerreiro,
Leila Tássia Pagamicce,
Mileide Sueli Justo Oliveira,
Patrícia Asfora Fal Leme,
Rôse Clélia Grion Trevisane,
Tâmara Maria Nieri, Victor Leal de Almeida,
Flavia Monfardini Gregatto

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp),
Campinas, SP, Brasil

Introdução: A pandemia causada pela COVID-19 afetou milhões de pessoas mundialmente. Desde o início, o Centro de Saúde da Comunidade (CECOM), órgão responsável pelo

planejamento e execução das ações de promoção, prevenção, assistência e reabilitação da saúde, direcionadas à comunidade interna da Unicamp, teve um papel importante no atendimento de casos suspeitos e confirmados para COVID-19. Um dos serviços oferecidos é o pronto atendimento, com o primeiro caso suspeito de COVID-19 atendido em 5 de março de 2020.

Objetivo: Descrever o fluxo de atendimento e a prevalência de COVID 19 na comunidade interna da Unicamp no CECOM.

Método: Trata-se de um estudo descritivo, documental e transversal que incluiu o levantamento de dados das planilhas e fichas de notificações do Núcleo de Vigilância Epidemiológica do CECOM e a descrição do fluxo de atendimento.

Resultados: De 05/03/2020 a 31/01/2022 foram notificados no CECOM 17.360 casos de síndrome respiratória. Destes, 4.442 (25,6%) tiveram diagnóstico confirmado para COVID-19 por meio da coleta do swab naso e orofaringe, teste da Reação em Cadeia da Polimerase em Tempo Real, coletado no CECOM e analisado pelo laboratório referenciado. A distribuição dos casos confirmados por Categoria Profissional/Alunos foi: 1069 alunos (24%); 845 técnicos/Auxiliares de enfermagem (19%); 422 administrativos (9,5%); 372 médicos (8,3%); 281 enfermeiros (6,3%); 147 serviço de higiene e Limpeza (3,3%); 91 docentes (2%); 1215 outras categorias (27%). Destes, 55 (1,2%) necessitaram de internação, dos quais 5 (0,1%) evoluíram para óbito. Foi criado um fluxo para o atendimento priorizando os pacientes com sintomas respiratórios e profissionais da área da saúde. A avaliação de risco por enfermeiros e seguida de coleta do swab naso e orofaringe e atendimento médico, que avalia e classifica o estágio da doença (leve/moderado/grave/crítico), que norteia as medidas necessárias de seguimento, como isolamento domiciliar, solicitação de exames complementares ou encaminhamento para internação hospitalar.

Conclusão: O estabelecimento do fluxo de acolhimento, atendimento e monitoramento dos casos suspeitos e confirmados de Covid 19 pelo CECOM resultou em um atendimento ágil, eficaz e certamente está sendo fundamental para evitar um número maior de casos fatais durante a pandemia.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2022.102451>

EP-011

AVALIAÇÃO DA PRESENÇA DE ANTICORPOS IGG ANTI-SARS-COV-2 EM LÁGRIMAS DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE TOTALMENTE VACINADOS COM CORONAVAC - ESTUDO PRELIMINAR

Larissa Carolin Mansano Soares,
Leonardo Amarante Pereira,
Guilherme Feltrin de Barros,
Matheus Prado Nascimento,
Júlia Gomes da Silva, Glauucia Luciano da Veiga,
Fernando Luiz Afonso Fonseca,
Julio Zaki Abucham Neto, Vagner Loduca Lima

Faculdade de Medicina do ABC (FMABC), Santo André, SP, Brasil

Introdução: O SARS-CoV-2 foi identificado em diferentes partes do corpo humano, incluindo a superfície ocular e secreções conjuntivais. Neste ponto, as principais vias de transmissão reconhecidas são gotículas respiratórias e contato interpessoal próximo. Alguns estudos concluíram que a superfície ocular pode servir como fonte de reservatório de SARS-CoV-2; portanto, pode ser transmitida pelo contato mão-olho e depois ser transferida para outros sistemas pela via nasolacrimal e metástase hematogênica. Embora a produção de anticorpos séricos contra SARS-CoV-2 tenha sido comprovadamente induzida pela CoronaVac, pouco se sabe sobre a produção de anticorpos SARS-CoV-2 em lágrimas.

Objetivo: Quantificar a presença ou ausência de imunoglobulina anti-SARS-COV-2 em filme lacrimal em pacientes totalmente vacinados com o vírus inativado compará-lo com valores sorológicos de imunoglobulinas.

Método: Foram incluídos profissionais de saúde de um hospital universitário duas semanas após receberem a segunda dose da vacina. 87 pacientes quatro semanas após receberem a segunda dose com a mesma vacina tiveram suas lágrimas coletadas com Schimmer. As amostras foram mantidas em recipientes estéreis e enviadas para análise imunológica. Após a coleta da lágrima, uma amostra de sangue também foi coletada. Foram analisadas informações clínicas como sexo, valores séricos e de imunoglobulina lacrimal.

Resultados: Em nosso estudo transversal, dos 87 participantes, 71 eram do sexo feminino (81,6%) e 16 (18,3%) do sexo masculino. A presença de imunoglobulina anti-SARS-COV-2 nas lágrimas foi apresentada apenas em 1 paciente do sexo masculino (1,14%), enquanto a positividade de IgG nas amostras de soro foi observada em 82 pacientes (94,2%) e 5 pacientes do sexo feminino testaram negativo (5,8%). Além disso, também foi analisado o valor sérico total da imunoglobulina anti-SARS-COV-2 sendo 85 (97,7%) positivos e 2 (2,3%) negativos. Esses dois pacientes foram negativos para a quantidade total e valores de IgG.

Conclusão: Estudos recentes mostraram que o RNA viral foi detectado em swabs oculares de pacientes COVID-positivos, o que indica que a superfície ocular é um local de infecção. No presente estudo, a maioria dos pacientes não apresentou defesa imunológica para SARS-cov-2 no filme lacrimal após a vacinação e portanto, a superfície ocular pode ser uma importante via de transmissão. Novos estudos com diferentes vacinas devem ser feitos para comparar a resposta imunológica.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2022.102452>

EP-012

COINFECÇÃO HIV E SARS-COV-2: UM PROGNÓSTICO RESERVADO?

Júlia Gomes da Silva,
Ana Paula Knorr Trigueiro,
Gabriela de Nardi Almeida,
Sophia Haddad Cur Toscano,
Ethel Zimberg Chehter

Faculdade de Medicina do ABC (FMABC), Santo André, SP, Brasil